

“Eu senti que não era para mim”: A violência simbólica e a exclusão nos testes de seleção para o ingresso em bandas escolares

"I felt that it was not for me": Symbolic violence and exclusion in the selection tests for entry into school bands

"Sentí que no era para mí": La violencia simbólica y la exclusión en las pruebas de selección para entrar en bandas escolares

Recebido: 25/10/2025 | Revisado: 01/11/2025 | Aceitado: 02/11/2025 | Publicado: 05/11/2025

Rodrigo Lisboa da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1772-1141>
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
E-mail: rodrigoltrombonista@gmail.com

Resumo

O objetivo do presente trabalho é discutir os testes de seleção baseados em habilidades musicais prévias como procedimentos de ingresso nas bandas escolares. De caráter qualitativo, a metodologia pautou-se no uso de entrevistas narrativas como instrumentos de coleta de dados. Nessa perspectiva, foram entrevistados dez ex-integrantes de diferentes bandas escolares de João Pessoa, que não seguiram a música como profissão, ou estudos técnicos ou superiores na área. Os dados indicam que sete entre os dez colaboradores da pesquisa revelaram que foram submetidos a testes de seleção musical como requisito para participar de bandas escolares. Discute-se, portanto, os equívocos, as exclusões e as violências produzidas e reforçadas pela seleção baseada em habilidades musicais prévias. Consta-se que estes testes são aplicados como procedimentos para o ingresso nas bandas, desconsiderando as trajetórias de vida e as diferentes vivências musicais dos alunos. Os testes podem servir como “tribunal” que rotula como “não talentosos” os alunos que não tiveram uma vivência musical prévia. Conclui-se que os testes de seleção baseados em habilidades musicais prévias podem servir como instrumentos de exclusão e violência simbólica.

Palavras-chave: Bandas escolares; Testes de seleção musical; Educação musical.

Abstract

The objective of this study is to discuss the selection tests based on previous musical skills as an entry procedure in school marching bands. The qualitative methodology was based on the use of narrative interviews as data collection instruments. In this perspective, we interviewed ten former members of different school marching bands from João Pessoa (Brazil), who did not follow music as a profession, higher or professional studies in the area. The data indicates that seven of the ten research collaborators revealed that they were submitted to musical selection tests as a requirement to participate in school bands. It is discussed, therefore, the misconceptions, exclusions and violence produced and reinforced by selection based on previous musical skills. It is found that these tests are applied as procedures for entry into bands, disregarding the life trajectories and different musical experiences of students. The tests can serve as a "court" that labels as "not talented" students who have not had a previous musical experience. It is concluded that the selection tests based on previous musical skills can serve as instruments of exclusion and symbolic violence.

Keywords: School marching bands; Musical selection tests; Music education.

Resumen

El objetivo del presente trabajo es discutir las pruebas de selección basados en habilidades musicales previas como procedimiento de entrada en las bandas marciales escolares. De carácter cualitativo, la metodología se basó en el uso de entrevistas narrativas como instrumentos de recolección de datos. En esta perspectiva, se entrevistó a diez ex integrantes de diferentes bandas marciales escolares de João Pessoa (Brasil), que no siguieron la música como profesión, o estudios técnicos o superiores en el área. Los datos indican que siete de los diez colaboradores de la

investigación revelaron haber sido sometidos a pruebas de selección musical como requisito para participar en bandas. Se discuten, por tanto, los equívocos, las exclusiones y las violencias producidas y reforzadas por la selección basada en habilidades musicales previas. Se constata que estas pruebas son aplicadas como procedimientos para el ingreso en las bandas, desconsiderando las trayectorias de vida y las diferentes vivencias musicales de los alumnos. Las pruebas pueden servir como "tribunal" que califica como "no talentosos" a los alumnos que no han tenido una experiencia musical previa. Se concluye que las pruebas de selección basadas en habilidades musicales previas pueden servir como instrumentos de exclusión y violencia simbólica.

Palabras clave: Bandas escolares; Pruebas de selección musical; Educación musical.

1. Introdução

As bandas escolares são atividades educativas que proporcionam diversas experiências musicais, sociais e afetivas aos seus estudantes. Esses grupos podem ser a “porta de entrada” de muitos alunos com a música. Esses estudantes podem seguir seus estudos musicais e buscar uma profissionalização na área. Por outro lado, a banda também pode ter um papel significativo nas memórias de quem não seguiu a música como profissão.

Deste modo, este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado na área de educação musical que teve como objetivo “investigar as percepções e experiências de ex-integrantes de bandas marciais – que não seguiram estudos superiores ou profissionalizantes nem carreira na área – a respeito de seus percursos de formação musical” (Silva, 2020, p. 16)¹. Como procedimento metodológico, utilizamos entrevistas narrativas com dez ex-integrantes de bandas escolares de João Pessoa (PB). Esses ex-integrantes de bandas escolares seguiram estudos ou trabalhavam em outras espaços e áreas fora da música: forças armadas, comércio, supermercados, administração, teologia, etc. Seus depoimentos mostram que as bandas exerceram um papel significativo em suas memórias. Deste modo, suas narrativas apontam perspectivas amplas sobre as contribuições das bandas escolares em suas vidas: formação de amigos e valores, possibilidade de viajar e conhecer novos locais através das apresentações, acesso ao aprendizado musical, dentre outras. No entanto, sete dos dez entrevistados revelou a presença de testes de seleção baseados em habilidades musicais prévias nas bandas de que participaram.

Neste artigo, propomos discutir a presença desses testes de seleção a partir das narrativas dos ex-integrantes de bandas entrevistados. Embora as bandas escolares possam ser atividades significativas para os participantes de nossa pesquisa, a presença de tais testes aponta para a problemática da exclusão e da violência simbólica nas aulas de música. Além disso, a seleção baseada em habilidades musicais prévias reforça concepções de dom e talento inato, o que desconsidera as vivências anteriores dos alunos e suas possibilidades de acesso aos capitais culturais.

Sob este ponto de vista, o objetivo do presente artigo é discutir os testes de seleção baseados em habilidades musicais prévias como procedimento de ingresso nas bandas escolares. Além desta introdução, o artigo se estrutura em outras cinco partes: inicialmente, apresentamos o conceito de banda escolar, considerando nosso contexto de pesquisa, assim como as funções desses grupos para a formação estudantil de acordo com a literatura específica; em seguida, apresentamos estudos das áreas de educação musical, sociologia e psicologia cultural que debatem a violência simbólica e o mito do talento inato que envolvem tais testes; detalhamos a metodologia que orientou nossa pesquisa; analisamos e discutimos as narrativas dos sete ex-integrantes que revelaram a presença de testes de seleção em seus percursos nas bandas; e, por fim, apresentamos nossas considerações finais.

¹ O presente trabalho foi desenvolvido sob orientação da professora Dra. Maura Penna e teve auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

2. Bandas Escolares e Formação Estudantil

As bandas são atividades pedagógicas presentes em diversas escolas de educação básica de João Pessoa. Considerando o contexto de nossa pesquisa, as bandas são atividades pedagógicas extracurriculares inseridas no cotidiano escolar, atendendo, preferencialmente, alunos matriculados em escolas (públicas ou privadas) da região metropolitana de João Pessoa. O fazer musical das bandas escolares perpassa tanto os ensaios quanto as apresentações de que participam: desfiles cívicos, cerimônias públicas, inaugurações, campeonatos de bandas, eventos culturais, dentre outras. Deste modo, Nóbrega (2018, p. 34) ressalta que as bandas são atrações que desempenham papel relevante na cena cultural de diferentes comunidades.

No que se refere aos aspectos educacionais, podemos afirmar que as bandas escolares são atividades importantes para a iniciação musical, oportunizando o ingresso do aluno no campo da música, seja com a intenção de prosseguir uma formação profissional, seja como uma forma de lazer praticado nos tempos livres (Soares, 2018, p. 33). Ao estarem articuladas às práticas pedagógicas das escolas de educação básica, as bandas configuram-se como uma proposta significativa para a inserção e o fortalecimento do ensino de música no ambiente escolar (Carvalho & Gonçalves, 2017, p. 141).

As bandas escolares podem ser uma das poucas alternativas que os alunos de escolas básicas têm para aprender um instrumento musical. Para tanto, partimos do pressuposto de que muitos estudantes em situação de vulnerabilidade social não teriam recursos financeiros suficientes para pagar por aulas de música particulares ou para frequentar uma escola de música privada. Por meio da banda, o aluno da escola pública pode ter aulas de instrumento e teoria musical, além de desenvolver aspectos sociais e afetivos de sua formação (Silva, 2014, p. 112).

Cabe destacar que a formação musical não é o único aspecto que perpassa o aprendizado nas bandas escolares. Lima (2007, p. 63), ao conduzir um estudo de caso realizado em uma fanfarra no estado de São Paulo, percebeu que os participantes dessa atividade tinham mais oportunidades de viajar para se apresentar. Essas apresentações trouxeram experiências que possibilitaram o contato com outras cidades, a ampliação de vínculos sociais e o fortalecimento da autoestima. De modo semelhante, Souza (2010, p. 63), ao desenvolver uma pesquisa etnográfica com uma banda marcial da rede municipal de João Pessoa, identificou que diversos alunos mencionaram tanto a formação de amizades quanto a oportunidade de viajar como principais motivações para ingressar e permanecer na banda. Deste modo, as apresentações da banda são eventos significativos em que os alunos podem sentir-se prestigiados e reconhecidos pela comunidade, o que pode acarretar uma maior sensação de autoestima (Carmo, 2014, pp. 19-20). Deste modo, as bandas podem ser atividades oportunas para a descoberta de sentidos que orientam a vida (Silva, 2024).

De acordo com Chagas e Lucas (2014, pp. 1-2), as bandas são espaços em que os estudantes podem criar laços afetivos e compartilhar sentimentos. Por seu caráter coletivo, as bandas favorecem as interações sociais entre os alunos, aspecto que pode se refletir na formação de amizades. Nesta direção, Cisligh (2011, p. 64) destaca que as bandas são espaços educativos que colaboram não só no desenvolvimento de habilidades musicais, mas também na socialização, na disciplina e na postura de responsabilidade dos estudantes.

Isso pode ser evidenciado no trabalho de Soares (2018), que investigou o nível de participação e envolvimento que ex-integrantes estabeleciam com uma banda marcial do estado de São Paulo. Utilizando conversas informais e questionários como instrumentos de coleta de dados, o autor percebeu que os ex-integrantes descreviam a banda como atividade que demandava foco, determinação e persistência. Além disso, o convívio, o respeito e o trabalho em grupo foram apontados como elementos importantes para a participação na banda (Soares, 2018, pp. 97-98). Deste modo, Campos (2008, p. 107) destaca que o trabalho

com bandas envolve a formação de vínculos de amizade, reconhecimento, disciplina e satisfação, sendo que “o aprendizado musical torna-se apenas um dos aprendizados possíveis”.

Nesta mesma direção, ao investigarem três bandas escolares de escolas públicas de Goiás, Sousa e Barbosa (2020) destacam que esses grupos podem trazer contribuições para a vida escolar de seus integrantes. A partir da análise das respostas de diretores escolares, coordenadores pedagógicos, alunos e pais de alunos aos questionários aplicados, os autores identificaram diferentes aspectos que as bandas escolares podem contribuir, por exemplo: trabalho em equipe, respeito, responsabilidade e melhor desempenho escolar (Sousa & Barbosa, 2020, p. 489).

Diante disso, as bandas escolares podem oportunizar o aprendizado musical e o desenvolvimento de diferentes habilidades aos seus estudantes. Para Silva (2014, p. 22), as bandas são atividades democráticas de educação musical em que todos têm o direito de participar. Nesta direção, Velasco, Montoito e Rios (2021, p. 14) apresentam as bandas escolares como “espaços de inclusão da juventude brasileira” em que os alunos podem estabelecer relações sociais e aprender música. Teixeira e Rocha (2023, p. 319) apontam que o ensino de música na banda – ou na “fanfarra escolar”, conforme as autoras – favorece a ampliação do repertório cultural dos alunos, sendo um espaço importante para se trabalhar a inclusão social.

Apesar de reconhecermos as possíveis contribuições das bandas escolares na formação dos estudantes, a visão sobre esses grupos como atividades educativas inclusivas pode ser problematizada. Isso tornou-se evidente quando nossa análise mostrou que alguns regentes adotavam testes de seleção baseados em habilidades musicais como critério para participação dos alunos (Silva, 2020, p. 110). Além disso, a presença de testes de seleção para o ingresso nas bandas também foi identificada em outras pesquisas.

Com vistas a compreender as funções e as concepções educativas do projeto de bandas escolares da rede municipal de ensino de João Pessoa, Nóbrega (2018) conduziu um *survey* com 70 regentes. Como resultado, o autor constatou que 56,1% do total dos regentes consultados não aplicava testes de seleção para que os alunos fossem aceitos nas bandas escolares. Todavia, o percentual de regentes que mantinha tais testes mostrou-se expressivo: **43,9%** (Nóbrega, 2018, p. 64). Embora a pesquisa de Nóbrega (2018, p. 64) mostrasse que a maioria dos regentes não utilizava testes de seleção para a admissão de novos estudantes nas bandas, não se pode desconsiderar o percentual dos que revelaram adotar tais práticas, sendo quase a metade dos regentes consultados. Além disso, o autor constatou que as habilidades musicais prévias tinham grande peso na seleção, como mostra a Tabela 1:

Tabela 1: Critérios para o ingresso de estudantes em bandas escolares da rede municipal de ensino de João Pessoa.

Opções de resposta	Respostas	
Habilidades musicais	48,28%	14
Rendimento escolar	44,83%	13
Comportamento	37,93%	11
Matriculado na escola	13,79%	04
Porte físico do aluno	10,34%	03
Aluno que já participa da banda	6,90%	02
TOTAL DE RESPONDENTES		29

Fonte: Nóbrega (2018, p. 64).

Na mesma direção, Silva (2012, p. 94), ao investigar os processos de ensino e aprendizagem de uma banda escolar da rede municipal de João Pessoa, percebeu a adoção de testes de seleção realizados pelo regente. Esses testes buscavam verificar se o estudante apresentava coordenação motora suficiente para ingressar na banda. Neste cenário, podemos considerar que os

alunos tidos como “talentosos” apresentavam vantagens durante a seleção de ingresso na banda em relação aos julgados como “não musicais”.

Deste modo, a aplicação de testes de seleção baseados em habilidades musicais merece ser problematizada e discutida, já que levanta questões importantes para a área de educação musical: quem não “leva jeito” para tocar um instrumento musical não teria a oportunidade de participar da banda? Quem não apresenta um suposto “talento” está quase que automaticamente excluído da banda e de seus aprendizados? Para respondermos a essas inquietações, faz-se necessário discutir como os testes de seleção podem reforçar concepções equivocadas de talento inato, o que pode provocar exclusão e violência simbólica no ensino de música.

3. Testes de Seleção: do mito do talento à violência simbólica

Um primeiro aspecto a se considerar quando discutimos os testes de seleção são as concepções de “talento musical” que circulam no senso comum. De acordo com Gomes (2009, p. 41), o senso comum frequentemente associa o talento a uma característica inata, herdada geneticamente. Essa percepção se manifesta quando indivíduos oriundos de famílias musicais – como os Bach, os Haydn e os Mozart – são descritos como naturalmente talentosos. Contudo, isso reforça a narrativa idealizada dos “grandes compositores” como seres místicos de inspiração divina ou como gênios individuais. Tal visão de mundo ignora a influência do ambiente, do estímulo familiar e do contexto cultural em que muitos músicos reconhecidos foram formados (Burnard, 2012, pp. 7-10). Nesses casos, percebe-se a perpetuação do mito do talento inato, aspecto que desconsidera a importância da trajetória de vida e da experiência musical familiar vivenciada pelo indivíduo (Lima, 2017, p. 2). Assim, Schroeder (2004, p. 112) destaca que:

[...] é interessante observar que, embora o talento seja considerado, via de regra, um atributo natural, as informações biográficas dos músicos em questão de certo modo contradizem essa “naturalidade”. [...] em todos os casos onde há informações sobre o ambiente familiar e/ou social dos músicos, nota-se que pelo menos um dos pais (às vezes ambos) ou algum parente muito mais próximo era músico profissional ou amador, ou então o músico teve acesso, desde a mais tenra idade, a um ambiente musical (geralmente uma igreja) de maneira intensiva. (Schroeder, 2004, p. 112)

Desta maneira, cabe considerar que a convivência com práticas musicais desde a infância e o incentivo recebido no ambiente familiar exercem papel fundamental no desenvolvimento de habilidades musicais. Essa noção de que o contexto influencia o desenvolvimento das habilidades humanas também é discutida no campo da psicologia cultural. Essa área considera que as práticas sociais e culturais têm impacto no desenvolvimento individual e coletivo das pessoas. São consideradas as interações sociais estabelecidas com a família e com os amigos, as experiências institucionais vivenciadas na escola e no trabalho, a participação em diferentes grupos sociais, etc. Sob a ótica da psicologia cultural, a própria noção de “musicalidade” é contestável, já que não se considera os tipos de música a que os estudantes estão expostos ou tem acesso, assim como as diferentes experiências musicais vivenciadas e as possibilidades de aprendizado disponíveis (Hallam, 2011, p. 207).

Portanto, a adoção de testes de seleção baseados em habilidades musicais pode excluir quem não teve uma vivência musical prévia, o que acaba reforçando concepções equivocadas de talento musical. Tal prática desconsidera também as diferentes formas de acesso aos “capitais culturais”, ou seja, às referências culturais a que os estudantes tiveram acesso ao longo da vida. Para Bourdieu (2007, pp. 74-77), o capital cultural pode ocorrer de três maneiras: 1) “incorporado”: presente no aprendizado em família, por exemplo; 2) “objetivado”: encontrado no acesso a bens culturais materiais, como os instrumentos musicais; 3) “institucionalizado”: alcançado por meio de certificações ou na aprendizagem escolar. Ao traçarmos um paralelo

com o conceito de “capital cultural” de Pierre Bourdieu, percebemos que os casos de sucesso ou fracasso nos testes de seleção acabam reforçando concepções inatistas de dom e talento musical, uma vez que desconsideram que a musicalidade apresentada pelos estudantes depende das oportunidades disponíveis em suas vidas: ter vivenciado práticas musicais em família (capital incorporado), o acesso prévio a instrumentos musicais (capital objetivado), ter tido aulas de música no currículo da escola (capital institucionalizado).

Diante disto, é possível afirmar que os testes de seleção baseados em habilidades musicais prévias se configuram como uma forma de violência simbólica para quem foi excluído. De acordo com Bourdieu (2012, pp. 7-8), a violência simbólica é “suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”. Desse modo, os testes de seleção produzem um tipo de violência praticada, muitas vezes, de maneira inconsciente e imperceptível para parte da sociedade. Além disso, os testes avaliam os estudantes a partir do que eles podem fazer no momento específico da seleção, ignorando aspectos de suas trajetórias musicais e do acesso prévio aos capitais culturais.

Deste modo, a violência simbólica ocorre de maneira velada e inquestionável. Atingindo diferentes segmentos da sociedade, a violência simbólica é um desafio para a educação escolar, já que provoca exclusões e marginaliza quem não apresenta habilidades previamente adquiridas (Oliveira, Santos & Santos, 2017, pp. 103-106). Desta maneira, ao discutir os procedimentos de seleção para o ingresso em corais infantis, Lima (2017, p. 4) ressalta que “há uma grande violência simbólica presente nestes testes, que fazem com que certos conhecimentos musicais sejam legitimados e colocados em uma balança, onde as oportunidades serão desiguais”. Nesta direção, os testes de seleção podem servir mais como um “tribunal” – termo utilizado por Oliveira, Santos e Santos (2017, p. 106) – que inclui ou exclui os alunos da possibilidade de participar da banda, de acordo com os conhecimentos musicais que apresentam.

Nesta perspectiva, os testes de seleção em bandas escolares, identificados nas pesquisas de Nóbrega (2018, p. 64) e Silva (2012, p. 94), revelam um aspecto preocupante que pode estar presente nas práticas desses grupos. Além disso, a adoção de testes de seleção baseados em habilidades musicais prévias também esteve presente nas narrativas dos ex-integrantes de bandas escolares que entrevistamos (Silva, 2020, pp. 110-115). Antes de iniciarmos a discussão desses resultados, apresentamos a metodologia que norteou a pesquisa.

4. Metodologia

Como visto, este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo investigar as percepções e experiências de ex-integrantes de bandas escolares de João Pessoa a respeito de seus percursos de formação. Realizamos uma pesquisa social com entrevistas em um estudo de natureza qualitativa (Pereira et al., 2018). Utilizamos as entrevistas narrativas (auto)biográficas como instrumentos de coleta de dados.

Conforme Penna (2021, p. 10), a coleta de dados por meio de entrevistas narrativas mostra-se mais adequada para a análise de experiências subjetivas e sensíveis com a música do que um esquema semiestruturado de perguntas e respostas. Contudo, cabe destacar que o trabalho com narrativas (auto)biográficas não busca comprovar verdades, mas sim discutir como os fatos foram vivenciados e significados pelos indivíduos. Na pesquisa narrativa, portanto, “não buscamos os fatos em si, mas a maneira subjetiva como foram vivenciados por aquele que narra e incorporados à memória de modo significativo” (Penna, 2021, p. 2). Nesta direção, a música pode ser “mediadora” das histórias de vida narradas (cf. Abreu, 2023), o que possibilitou aos entrevistados compartilharem memórias significativas de seus percursos em bandas.

Foram entrevistados dez ex-integrantes de diferentes bandas escolares de João Pessoa. Como critério da pesquisa, todos deviam ser maiores de 18 anos, com o mínimo de um ano letivo de participação nesses grupos. Só participaram da pesquisa ex-integrantes que saíram da banda há menos de cinco anos do período de coleta de dados². Só foram entrevistados ex-integrantes que não seguiram carreira profissional em música ou estudos musicais em cursos técnicos e superiores na área. Eles foram localizados por meio de redes sociais, indicações de regentes de bandas e dos próprios entrevistados.

As entrevistas narrativas foram conduzidas em duas etapas, ancoradas nas discussões de Flick (2004), Gibbs (2009) e Penna (2021). A primeira etapa consistiu em uma questão norteadora, de caráter mais geral, em que os entrevistados revelaram suas experiências e percursos formativos com a música e a banda escolar de maneira ampla. Após a condução, transcrição e análise desse primeiro relato, uma segunda entrevista narrativa, com base em roteiro, foi conduzida com esses participantes. Essa segunda etapa de entrevista teve como finalidade complementar as informações obtidas nas narrativas iniciais, explorando e aprofundando alguns trechos e informações de seus depoimentos. Portanto, os roteiros dessas segundas entrevistas foram específicos para cada participante. De acordo com Penna (2021, p. 5), esse segundo momento de interação da pesquisa favorece as relações de confiança entre pesquisador e participante, oportunizando o aprofundamento do relato.

Por questões éticas, os entrevistados foram anonimizados e identificados como Participante 1 (P1), Participante 2 (P2), e assim por diante. Nomes de pessoas, escolas e de bandas, também foram omitidos de modo a assegurar o anonimato. As entrevistas foram transcritas pessoalmente pelo pesquisador. Realizamos um tratamento gramatical nos trechos de depoimentos citados, com vistas a organizar as narrativas e tornar a leitura mais acessível. Todos os participantes assinaram – em duas vias – um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) concordando com as condições de participação livre e voluntária na pesquisa³.

Sete dos dez ex-integrantes entrevistados relataram cenas que envolviam testes de seleção nas bandas escolares de que participaram. As características desses entrevistados são apresentadas no Quadro 1, na página a seguir. Todos os entrevistados eram ex-integrantes de “bandas marciais”, ou seja, grupos constituídos por instrumentos da família dos metais – trompetes, trompas, trombones, eufônios e tubas, por exemplo. – e da percussão – pratos, caixa, bumbo, surdo, dentre outros. Nesta direção, vale ressaltar que nossa pesquisa não trata de outras formações instrumentais, como as centenárias “bandas de música”⁴, que têm procedimentos próprios para o ingresso de músicos e estudantes. Tratamos aqui das percepções de ex-integrantes de bandas escolares situadas em um contexto específico, não cabendo generalizações. Além disso, cabe destacar que todos eram homens, apesar de o gênero masculino não ter sido um critério de inclusão na pesquisa.

No que diz respeito ao contexto da pesquisa, nossa experiência na área mostra que são pouquíssimas as escolas privadas de João Pessoa que oferecem a prática da banda como atividade pedagógica. Diante disso, apenas o Participante 7 teve sua trajetória musical ligada a uma banda escolar pertencente a uma instituição privada⁵. Os demais participantes da pesquisa são ex-integrantes de bandas de diferentes escolas da rede pública municipal de João Pessoa.

² A coleta de dados ocorreu no período de 20/05/2019 a 17/10/2019. Deste modo, ex-integrantes que saíram das bandas antes de 2014 não participaram desta pesquisa.

³ O projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil sob o número CAAE 04613918.8.0000.5188, recebendo parecer de aprovação em 27/02/2019.

⁴ Diferentemente das bandas marciais, as “bandas de música” incluem instrumentos da família das madeiras: clarinetes, saxofones e flautas transversais, por exemplo.

⁵ Inclusive, cabe destacar que a banda de que P7 participava era uma das poucas mantidas uma por escola privada da região metropolitana de João Pessoa. Apesar de a escola continuar funcionando, atualmente a banda está desativada.

Quadro 1: Características dos participantes da pesquisa.

Identificação	Idade	Tempo de participação em bandas	Instrumentos que tocava nas bandas	Atividades laborais/estudos atuais
Participante 1	19 anos	7 anos	Tuba e percussão	Militar do exército
Participante 2	20 anos	7 anos	Trompete	Atendente de papelaria
Participante 3	21 anos	11 anos	Trompete	Repositor de supermercados
Participante 4	20 anos	5 anos	Trombone	Auxiliar administrativo
Participante 5	25 anos	10 anos	Trompete	Auxiliar de produção
Participante 6	20 anos	7 anos	Trombone	Estudante de Administração e Teologia
Participante 7	25 anos	13 anos	Trombone, eufônio e percussão	Em busca de emprego

Fonte: Dados da coleta (Silva, 2020, pp. 98-99).

A rede municipal de educação básica de João Pessoa possui um projeto de bandas que, de acordo com dados da pesquisa de Nóbrega (2018, p. 62), atendia aproximadamente 66 colégios da cidade. As bandas da rede municipal de João Pessoa estão inseridas nas escolas como atividades extracurriculares. Os regentes e coreógrafos das bandas escolares da rede municipal de ensino de João Pessoa são admitidos por contratos temporários ou como cargos comissionados, o que, muitas vezes, caracteriza práticas clientelistas de troca de favores políticos. Conforme Nóbrega (2018, p. 83), “o clientelismo é uma relação entre diferentes atores políticos envolvendo concessão de empregos, benefícios públicos [...] em troca de apoio político, sendo traduzido na maior parte das vezes em votos para si ou seus aliados” (Nóbrega, 2018, pp. 82-83)⁶. Mesmo sendo criado em 1992 (Nóbrega, 2018, p. 46), o projeto de bandas escolares da rede municipal de João Pessoa nunca realizou um concurso público para o cargo de “regente de bandas”.⁷

Os depoimentos de nossos participantes foram entrecruzados e analisados com base em estudos das áreas de educação, educação musical, sociologia, psicologia cultural, dentre outras. Apresentamos, a seguir, nossa análise das narrativas dos ex-integrantes que revelam a adoção de testes de seleção nas bandas escolares de que participaram.

5. Resultados e Discussão

Como visto, a aplicação de testes de seleção baseados em habilidades musicais prévias pode estar presente em atividades de educação musical, como corais infantis e bandas escolares (Lima; 2017; Nóbrega, 2018, p. 64). Deste modo, sete dos dez participantes de nossa pesquisa mencionaram a presença destes testes de seleção cuja função era verificar se os estudantes estariam musicalmente “aptos” para ingressar na banda. Esses testes de seleção envolviam inclusive conhecimentos de notação musical, como relata o Participante 2:

[No início do ano], começaram as inscrições para tocar na banda marcial. [...] Todo mundo pegou e foi lá fazer o teste e eu queria tocar trompete. Ele [o regente] pegou e começou a dar uma explicação no quadro sobre o que era uma pausa, sobre o tempo das notas, dizendo o que era música, entre outras coisas. Ele pegou, marcou [o teste] para o outro sábado. (P2, entrevista 1, 09 jun. 2019)⁸

⁶ Além da rede municipal de educação básica de João Pessoa, a rede estadual de educação da Paraíba também conta com um projeto de bandas escolares. Porém, nenhum de nossos entrevistados era ex-integrante de bandas da rede estadual.

⁷ Essa informação considera o momento de elaboração deste artigo.

⁸ Trechos dos depoimentos dos participantes aparecem em itálico com vistas a diferenciá-los de citações bibliográficas. Entre parênteses, indicamos a data de realização de cada entrevista.

Durante a segunda entrevista, este mesmo participante ressalta que a facilidade para produzir a vibração necessária para tocar o trompete – e os instrumentos de metais no geral – era um dos critérios que o regente utilizava para avaliar se o aluno teria condições de ingressar na banda. Seu relato mostra que quem não conseguisse produzir som no trompete era excluído:

*[Na semana seguinte] A gente soprou no bocal [do trompete] e conseguimos fazer o besourinho⁹. Ele disse que a gente estava indo bem, mas **quem não conseguia já era eliminado**. É porque também tinha muita gente, né? E já estava em cima, porque era meio corrido. **Eu também já tocava flauta [doce]**, já sabia um pouquinho de música. **Quem não conseguisse, era descartado**. (P2, entrevista 2, 26 ago. 2019, grifos nossos)*

Cabe ressaltar que o Participante 2 foi aprovado no teste de seleção e teve a oportunidade de participar da banda. Seu relato mostra, contudo, que ele teve uma vivência musical prévia, já que revelou que tocava flauta doce antes de entrar na banda. Como discutido, as diferentes experiências musicais vivenciadas e as possibilidades de aprendizado disponíveis influenciam o desenvolvimento dos indivíduos (Hallam, 2011, p. 207). Assim, seu relato indica a presença de um “capital cultural” prévio (Bourdieu, 2007, pp. 74-77), já que teve aulas de flauta doce antes de entrar na banda escolar. Esses elementos podem ter fornecido uma vantagem para o Participante 2 em relação aos outros candidatos que não tiveram experiências prévias com a música.

O mesmo procedimento de avaliar o aluno a partir das primeiras notas produzidas em um instrumento de metal foi relatado pelo Participante 6. Deste modo, a concepção de “facilidade com a música” fazia-se presente nestas seleções como critério de aceitação na banda. O depoimento do Participante 6 revela que o regente, ao perceber que ele se “saiu bem” nos primeiros contatos com o trombone de vara, decidiu aceitá-lo na banda:

[Durante o teste], eu consegui só tirar uma nota, descer as posições devagarzinho. Ai, eu me lembro que ali foi a hora que tanto eu percebi que eu tinha uma certa facilidade para aquilo. [...] E foi assim que eu comecei com o trombone, com um teste no bocal. Foi um testezinho com o bocal. Eu me lembro que eu segurei [o trombone], fiquei em posição de descansar – porque a banda marcial tem essa forma – e depois eu fiz o sentido e o professor [o regente] já viu que eu tinha pelo menos uma pose para segurar o instrumento, para enganar, tirar uma foto. Depois, ele decidiu investir em mim. (P6, entrevista 2, 23 ago. 2019)

Podemos perceber que a facilidade demonstrada pelo Participante 6 ao produzir suas primeiras notas musicais no trombone foi utilizada como critério de entrada na banda escolar. Na mesma direção, o Participante 7 também relata a presença de testes de seleção para o ingresso na banda. Ele aponta que “*dentro de uma semana, o professor X ensinava e você tentava aprender o máximo para poder passar no teste*” (P7, entrevista 1, 27 ago. 2019). Essa questão do teste como requisito para ingressar na banda também foi relatada em sua segunda entrevista, evidenciando um processo de exclusão.

*Nessa época existia um teste. “Ah, eu quero tocar caixa”, passava por um teste. Abria vaga, mas não eram tantas vagas. Eram poucas vagas. [...] Eu aprendi e consegui passar no teste. Fiquei muito feliz depois de passar no teste. [...] **Muita gente reprovou** [...]. (P7, entrevista 2, 29 ago. 2019, grifos nossos)*

De acordo com as narrativas de nossos participantes, os testes de seleção ocorriam, em geral, no começo do ano letivo, quando novas vagas para as bandas eram abertas. Seus relatos indicam que tais testes tinham a função de selecionar os alunos que apresentavam desempenho satisfatório nos conhecimentos de teoria e no instrumento musical. Tal prática mostra-se problemática uma vez que exclui os estudantes rotulados como “não musicais” ao mesmo tempo em que privilegia os ditos

⁹ “Besourinho” refere-se à vibração labial necessária para se tocar instrumentos de metais, como os trompetes e trombones.

“talentosos”. Esta perspectiva desconsidera que as diversas vivências musicais e culturais dos estudantes influenciam as suas relações com a música, o que reforça o mito do dom e do talento inato.

Como discutido, a crença no talento inato circula na área de música como parâmetro de legitimação e de exclusão de pessoas do fazer musical (Burnard, 2012, p. 25; Gomes, 2009, p. 41; Schroeder, 2004, p. 112). Tal visão surgiu no depoimento de nossos participantes como elemento distinção entre quem estaria apto ou não para fazer música. Como exemplificação dessas questões, o Participante 1 compartilha sua crença no dom inato como fenômeno apoiado por sua visão religiosa:

*Então, essa parte do **dom** é de cada um. Alguns têm que tocar trombone, fulano tem que tocar trompete, o outro vai tocar bombardino ou percussão. Isso é a individualidade de cada um. Dom, cara, não tem o que explicar! Deus coloca no coração de uma pessoa que nem uma planta. **Cada um tem seu dom**, seu devido lugar de acordo com seu dom.* (P1, entrevista 2, 27 de maio de 2019, grifos nossos)

Dessa forma, Schroeder (2004, p. 110) destaca que “nessa construção mítica do músico como um ser diferenciado, aparecem também, de modo recorrente, diversos tipos de vinculação do artista ao divino”. Em outro momento de sua narrativa, este mesmo participante reafirma que sua musicalidade possui origens divinas, conforme um pregador da igreja a qual frequentava o revelou:

*O pessoal lá da igreja disse que eu tenho o **dom da música**, mas não foi ninguém que me deu, foi Deus. [...] O pregador olhou para mim e revelou do nada: “abre teu olho [...]”. Então, esse dom que você tem, fui eu que te dei. Músico nenhum vai ter, a não ser você. Não é ninguém que vai te dar um certificado. Sou eu que estou te dando um certificado de músico e instrumento de Deus”. (P1, entrevista 2, 27 de maio de 2019, grifos nossos)*

Apesar de vincular sua musicalidade à concepção de talento como presente divino, em outro momento de seu depoimento, o Participante 1 revelou possuir uma vivência musical dentro da família, desde a sua infância, especificamente com seu pai que tocava violão. Além disso, apontou que, antes de ingressar na banda escolar, já participava de grupos musicais na igreja de que fazia parte. Dessa maneira, pode-se dizer que este participante teve maior acesso ao capital cultural incorporado – por meio da vivência musical com seu pai –, bem como ao capital cultural objetivado – com o violão da família e pela disponibilidade de outros instrumentos musicais na igreja. Assim, é preciso considerar as oportunidades de incorporação do “capital cultural” que este participante teve na família e na igreja (Bourdieu, 2007, pp. 73-79), o que lhe possibilitou uma aproximação com a música antes do ingresso na banda. Essa vivência musical prévia provavelmente trouxe vantagens para o Participante 1, na época em que foi submetido ao teste de seleção musical na banda escolar, em comparação aos outros alunos que não tiveram as mesmas oportunidades de acesso aos capitais culturais. Como dito, o senso comum, muitas vezes, legitima concepções de talento que desconsideram as trajetórias de vida e experiências musicais vivenciadas pelos indivíduos (Burnard, 2012, pp. 7-10; Gomes, 2009, p. 41; Lima, 2017, p. 2).

Diante disto, ao invés de oportunizarem a aproximação dos estudantes com o fazer musical e o capital cultural, os testes de seleção em bandas, muitas vezes, servem mais como um “tribunal” que rotula como inaptos os estudantes que não apresentam facilidade. Tais testes acarretam violência simbólica, excluindo indivíduos que não tiveram vivências musicais anteriores à banda, priorizando conhecimentos e habilidades musicais socialmente legitimadas (Lima, 2017, p. 4). Conforme Bourdieu (2012, pp. 7-8), a violência simbólica pode ser invisível para as suas vítimas, ocorrendo de maneira velada. No caso da música, a violência pode ocorrer quando alunos são estigmatizados e excluídos por não dominarem conhecimentos e habilidades legitimadas pela área. Como exemplificação dessas questões, o Participante 4 aponta que a seleção na banda tinha

como base o conhecimento de elementos da notação musical ocidental e a verificação de habilidades de “precisão rítmica”. Sua narrativa mostra que estas seleções excluía e estigmatizavam os alunos que não eram aprovados:

*Quando eu entrei, o teste era assim: eles deixavam o surdo em cima da mesa, o professor fazia os exercícios de partitura lá no quadro, dizendo os tempos das colcheias e semicolcheias. Ele ficava gritando “tá tá tá tá tá” [solfeando] e do jeito que ele dizia na boca era para bater no surdo e no tempo certo e junto com ele. Assim que eram os testes. Se fizesse tudo direitinho, você passava e o surdo era seu. Você poderia ir para a quadra ensaiar, entendeu? **Muita gente reprovou.** Era o mesmo que o exame psicotécnico, **pareciam uns doidos que não sabiam fazer [tocar]**. (P4, entrevista 1, 12 jun. 2019, grifos nossos)*

Dessa maneira, os testes de seleção baseados em habilidades musicais prévias podem criar limites na mente dos alunos, fazendo-os acreditar que a música é prerrogativa de poucos e que, portanto, não são capazes de aprender a tocar um instrumento musical. Isso fica evidente na fala do Participante 5, cujo trecho grifado também está presente no título deste artigo:

*Esse teste, ele [o regente] fazia com a questão de teoria. [...] De acordo com a teoria que ele passava a gente teria que aprender aquilo, se não ficaria de fora [da banda]. Eu tentei me dar bem, mas só que o teste também era um pouco difícil para mim. Eu não consegui passar e decidi deixar de lado. [...] **Eu senti que não era para mim.** [...] Eu vi que o instrumento não era para mim. Eu fiz o teste para ver se eu ia me dar bem, mas realmente eu não me dei bem e decidi sair. (P5, entrevista 2, 15 ago. 2019, grifos nossos)*

Conforme aponta Schroeder (2004, p. 118), as concepções de dom e talento podem levar a uma “classificação dos alunos em ‘musicais’ ou ‘não musicais’ e uma consequente apatia por parte de muitos educadores em relação aos considerados menos favorecidos, que geralmente são levados em ‘banho-maria’ até que desistam, por se verem totalmente inaptos para a música”. Assim, ao invés de serem de fato inclusivas, as bandas escolares que adotam testes de seleção podem servir majoritariamente aos ditos talentosos, o que restringe o alcance social de suas práticas.

Outro aspecto que pode explicar a presença dos testes de seleção nas bandas seria a primazia da performance musical. Os depoimentos dos participantes mostram que alguns regentes optavam por formar as bandas com os alunos que já tocavam. Nesta direção, o Participante 3 destaca que “*quem fosse de fora [da banda], eles [os regentes] já queriam que entrasse tocando*” (P3, entrevista 1, 10 jun. 2019). Na segunda entrevista, este mesmo ex-integrante apresenta uma percepção positiva sobre estes testes de seleção. Para ele, selecionar os alunos com base em conhecimentos musicais prévios era importante para a organização da banda:

O teste era para mostrar que conheciam o instrumento. O regente pedia para fazer uma escala de dó maior só para mostrar que tinham conhecimento mesmo do instrumento. [...] Eu acho que isso é importante. Hoje, muitos alunos não sabem nada de teoria de música. Só saem tocando mesmo e ainda mal, tudo errado, respiração errada, posicionamento errado, postura. [Os testes] organizam a banda. (P3, entrevista 1, 08 jul. 2019)

Apesar de discordarmos do Participante 3 sobre as funções dos testes de seleção, seu depoimento levanta uma problemática importante: regentes de bandas escolares que não querem dedicar seus esforços para ensinar novos alunos, preferindo trabalhar com aqueles que já possuem habilidades musicais prévias. Isso pode decorrer, muitas vezes, de uma preocupação do próprio regente com a performance e a qualidade artística do grupo, colocando os aspectos pedagógicos em segundo plano. O prestígio alcançado nos desfiles cívicos ou o reconhecimento social obtido com a conquista de títulos em

campeonatos de bandas podem fazer com que o regente busque alunos que já toquem algum instrumento ou que apresentem facilidade com a música, por exemplo.

Dessa maneira, ao discutir as perspectivas filosóficas que orientam as práticas musicais em bandas, Allsup (2018), destaca que:

Correndo o risco de dizer o óbvio, o ensino e a aprendizagem musical nesses grandes grupos eram e ainda são principalmente uma experiência por meio da *performance*. As escolhas curriculares se dirigem ao nível certo de desafios para um grupo em particular (e atenção com as vontades do público), e a avaliação se dá por meio de concertos bem tocados ou pontuação alta em concursos. Essa é uma descrição simplificada de um ambiente de aprendizado altamente complexo. (Allsup, 2018, p. 15)

Além da primazia da *performance* musical, as condições instáveis dos contratos de trabalho dos próprios regentes de bandas de João Pessoa podem fomentar práticas excludentes com os alunos considerados “não musicais”. Como discutido, os regentes da rede municipal de ensino de João Pessoa são contratados de maneira temporária e, muitas vezes, por troca de favores políticos (Nóbrega, 2018, pp. 82-83). Diante da inexistência de concursos públicos em João Pessoa para a área de bandas, os regentes ficam submissos às vontades dos gestores de plantão e às relações de apadrinhamento político típicas do clientelismo. Essa situação de precarização dos contratos de trabalho abre margens para que gestores e coordenadores pressionem os regentes a apresentarem as bandas escolares o mais breve possível. Assim, muitos acabam satisfazendo as vontades de quem os contratou com vistas a garantir a sua continuidade no cargo. A falta de um vínculo empregatício estável, as pressões políticas e as cobranças por resultados imediatos podem fazer com que parte dos regentes adote testes de seleção nas bandas. Isso é bastante problemático, já que atropela etapas importantes do processo de aprendizado musical e reforça os equívocos e as exclusões aqui já discutidos.

6. Considerações Finais

Os relatos de nossos participantes mostram a presença de testes de seleção baseados em habilidades musicais prévias, sendo práticas excludentes que eliminam as oportunidades de os indivíduos participarem das bandas escolares. Esses testes acabam rotulando, de maneira equivocada, quem está apto a aprender música, o que pode criar e reforçar limites e estereótipos dentro da consciência dos alunos. Além disso, quem possui vivência musical – na família ou em outro espaço – já foi quase que previamente selecionado, uma vez que poderá obter, no mínimo, resultados mais satisfatórios quando submetido a um teste de seleção. Diante disso, a afirmativa de que todas as bandas escolares são inclusivas mostra-se idealizada e romantizada, já que desconsidera os limites que podem ocorrer em suas práticas pedagógicas.

Desse modo, é essencial que os regentes de bandas estejam em constante processo de reflexão e atualização de suas práticas. Nessa perspectiva, cursos de formação continuada ofertados aos regentes não devem estar limitados à discussão de questões técnicas do instrumento musical ou da regência, mas precisam também contemplar discussões e reflexões sobre inclusão e critérios de participação na banda. Além disso, é preciso considerar que o “talento” demonstrado por alguns indivíduos não é garantia de que estes permaneçam tocando. Logo, seria mais pertinente considerar aspectos como o interesse, a dedicação e o compromisso demonstrados pelos estudantes em seu percurso na banda.

Como discutido, a instabilidade empregatícia dos contratos e as relações de troca de favores políticos podem fazer com que muitos regentes estejam sujeitos às pressões de gestores que exigem resultados imediatos. Com vistas a evitar situações constrangedoras e possíveis demissões, muitos acabam selecionando os estudantes que apresentam “facilidade”, de modo que a banda se apresente nos eventos o mais breve possível. Dessa maneira, concordamos com Nóbrega (2018, p. 84) ao

afirmar que a realização de concursos públicos para regentes de bandas poderia mitigar essa situação de vulnerabilidade, uma vez que os cargos seriam ocupados através da aprovação em exames imparciais, e não por apadrinhamentos ou indicações. Protegido pela estabilidade de um concurso público, os profissionais das bandas poderiam questionar, problematizar e propor mudanças nas práticas educativas vigentes com maior liberdade e autoafirmação, inclusive opondo-se às pressões imediatistas dos gestores escolares e coordenadores.

Atender todos os estudantes que desejam participar de uma banda escolar pode ser uma situação desafiadora, principalmente quando o regente não dispõe de instrumentos musicais suficientes para suprir a demanda de novos alunos. Assim, faz-se necessário um **investimento contínuo nas bandas escolares** – com a compra de novos instrumentos musicais, por exemplo. **Todavia, esse investimento não pode ser mera política de governo, mas sim uma política de estado!** Ou seja, a valorização das bandas precisa acontecer independentemente do partido político que esteja no poder. Isso pode ampliar o acesso dos estudantes a essas atividades educativas que promovem o ensino de música e que podem trazer diferentes contribuições para seus percursos formativos, como discutimos anteriormente.

Pelo caráter qualitativo deste estudo, as questões aqui discutidas **não podem ser generalizadas**. As narrativas aqui apresentadas não buscam retratar a realidade de todas as bandas escolares brasileiras. Também, não trabalhamos com amostras que visam representar quantitativamente a visão de ex-integrantes de bandas escolares. Nosso trabalho lida com narrativas de vida, ou seja, com as percepções dos ex-integrantes de bandas escolares situadas em João Pessoa. Deste modo, lidamos com diferentes subjetividades e compreensões particulares das bandas escolares situadas em um contexto específico, perspectiva esta que se afasta de uma visão unilateral. Não buscamos a exatidão dos fatos, mas a maneira como eles foram experienciados por cada participante da pesquisa. Reconhecemos que cada banda escolar apresenta uma realidade específica e formas próprias de atrair os estudantes. Algumas bandas sequer adotam testes de seleção em suas práticas. Contudo, se os testes de seleção aparecem nas narrativas dos participantes como procedimentos de exclusão, eles precisam ser discutidos!

Destacamos, ainda, que nossa pesquisa possui limites. Todos os entrevistados eram homens, apesar de este não ter sido um critério da pesquisa. Logo, seria importante novas pesquisas com ex-integrantes mulheres ou de outras orientações de gênero. Além disso, só consultamos ex-integrantes que faziam parte do corpo musical das bandas. Portanto, sugerimos novas pesquisas com pessoas que já passaram pela linha de frente das bandas, como é o caso do corpo coreográfico, por exemplo. Novas pesquisas com narrativas (auto)biográficas de regentes e a realização de visitas nas bandas escolares seriam importantes para trazer outras visões sobre esses grupos. Isso poderia trazer outros dados sobre como as práticas musicais ocorrem nas bandas, incluindo as possíveis formas de se conduzir os testes de seleção. Além disso, nossos entrevistados eram ex-integrantes que foram aprovados na seleção e que, portanto, tiveram a oportunidade de fazer parte de uma banda escolar. Nesta direção, outras pesquisas poderiam investigar pessoas que foram reprovadas em testes de seleção baseados em habilidades musicais prévias e que atualmente se rotulam como “não talentosas”.

Por fim, esperamos que as questões aqui apresentadas colaborem nas discussões sobre o perigo dos testes de seleção baseados em habilidades musicais prévias, reiterando a necessidade da constante reflexão dos profissionais que trabalham com bandas, o que, por sua vez, pode favorecer o surgimento de outras formas de se pensar o ingresso nesses grupos.

Referências

- Abreu, D. V. (2023). Musicobiografização: prática automedial em educação musical. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, (8)23, p. 1-19. <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/16523/12896>.
- Allsup, R. (2018). Perspectivas filosóficas da Educação Musical. *Revista Vórtex*, 6(1), 1-27. <https://bit.ly/4qGCglc>.
- Bourdieu, P. (2007). *Escritos de educação* (7th ed.). Editora Vozes.

- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina* (11th ed.). Bertrand Brasil.
- Burnard, P. (2012). *Musical creativities in practice*. Oxford University Press.
- Campos, N. P. (2008). O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados. *Revista da ABEM*, (19)19, 103-111. <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/264/195>
- Carmo, C. C. (2014). *Motivação para tocar na banda: um estudo com dois alunos da banda marcial do Colégio Sergio Fayad Generoso em Formosa-GO*. [Monografia de licenciatura em música, Universidade Federal de Brasília]. Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília. <https://bdm.unb.br/handle/10483/9932>
- Carvalho, A. L., & Gonçalves, L. S. (2017). Contribuição pedagógica das oficinas de Banda Marcial. *Educação*, (7)4, 141-159.
- Chagas, R. M. S., & Lucas, G. (2014). *Transmissão do saber e relações sociais nas práticas musicais das bandas civis de música*. [Comunicação]. XXIV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. São Paulo. https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2014/2807/public/2807-9816-1-PB.pdf
- Cislaghi, M. C. (2011). A educação musical no projeto de bandas e fanfarras de São José (SC): três estudos de caso. *Revista da ABEM*, 19(25), 63-75. <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/191/123>
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa* (2nd ed.). Editora Bookman.
- Gibbs, G. (2009). *Análise de dados qualitativos*. Editora Artmed.
- Gomes, C. H. S. (2009). *Educação musical na família: as lógicas do invisível* [Tese de doutorado em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Digital da UFRGS. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15575>.
- Hallam, S. (2011). Culture, musicality and expertise. In M. Barret (Org.), *A cultural psychology of music education* (pp. 201-224). Oxford University Press.
- Lima, C. A. (2017). *A violência simbólica presente em testes de seleção para corais infantis*. [Comunicação]. Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. Campinas. https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2017/4928/public/4928-16278-1-PB.pdf.
- Lima, M. A. (2007). *A banda estudantil em um toque além da música*. Annablume, Fapesp.
- Nóbrega, M. L. C. (2018). *A cidade das bandas: o projeto de bandas marciais da rede municipal de ensino de João Pessoa*. [Dissertação de mestrado em Música, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório Institucional da UFPB. https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13099?locale=pt_BR.
- Oliveira, B. S., Santos, J. F., & Santos, V. S. (2017). A violência simbólica no contexto escolar: a transformação da sala de aula em um tribunal de exclusões nos veredictos do juízo professoral. *Revista Científica da FASETE*, (11)14, 100-115. <https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/425>
- Penna, M. (2021). *Possibilidades heurísticas da entrevista narrativa para a pesquisa em educação musical*. [Comunicação]. XXXI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. João Pessoa. <https://anppom-congressos.org.br/index.php/31anppom/31CongrAnppom/paper/viewFile/831/491>
- Pereira, A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [free ebook]. Santa Maria. Editora da UFSM. https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf
- Schroeder, S. C. N. (2004). O músico: desconstruindo mitos. *Revista da ABEM*, 10(10), 109-118. <https://bit.ly/3J21kIL>
- Silva, F. R. (2014) *A aprendizagem musical e as contribuições sociais nas bandas de música: um estudo com duas bandas escolares*. [Dissertação de mestrado em Música, Universidade Federal de Goiás]. Repositório da UFG. <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3533>.
- Silva, R. L. (2024). Bandas escolares e sentido de vida: narrativas e significações de ex-integrantes à luz da teoria de Viktor Frankl. *Revista da ABEM*, 32(1), 1-23. <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1379/727>
- Silva, R. L. (2020). Memórias da banda: percursos de formação de ex-integrantes. [Dissertação de mestrado em Música, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório Institucional da UFPB. https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18517?&&&locale=pt_BR
- Silva, T. B. (2012). *Banda Marcial Augusto dos Anjos: processos de ensino aprendizagem musical*. [Dissertação de mestrado em Música, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório Institucional da UFPB. https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6595?locale=pt_BR.
- Soares, A. (2018). Orquestra de Metais Lyra Tatuí: a trajetória de uma prática musical de excelência e a incorporação de valores culturais e sociais. [Tese de doutorado em Música, Universidade Federal da Bahia]. Repositório Institucional da UFBA. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/27560>
- Sousa, A. N., & Barbosa, J. L. S. (2020). Bandas Marciais Escolares de Goiânia: relações com a vida estudantil e seus integrantes. In M. R. Pestana, A. Granjo, D. Sagrillo, G. Rodríguez-Lorenzo (Ed.), *Our Music/Our World: Wind Bands and Local Social Life*. Edições Colibri.

Souza, E. L. (2010). *“P’ra ver a banda passar”: uma etnografia musical da banda marcial Castro Alves*. [Dissertação de mestrado em Música, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório Institucional da UFPB. https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8757?locale=pt_BR

Teixeira, M. C. C., & Rocha, G. S. (2023). Linguagem musical, fanfarra e currículo escolar: algumas considerações. *Diversitas Journal*. 8(1), 311-329.

Velasco, R. d. S., Montoito, R., & Rios, D. F. (2021). As bandas marciais escolares como espaços de inclusão da juventude brasileira. *Research, Society and Development*, 10(2). <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i2.12892>